

POPULISMOS: A “CLOWNIZAÇÃO” DA POLÍTICA

João Carlos Correia¹

Resumo: Na perspectiva deste texto, considera-se que o tipo de interação social dominante, nas novas tecnologias da comunicação pode desencadear fatores que interferem diretamente na configuração das lideranças políticas ao nível das diferentes formações políticas: grupos, movimentos e partidos.

Ao nível estritamente político, verifica-se a retoma de elementos pré-modernos. No contexto das redes e da indústria dos *media*, a autoridade legal-racional é substituída pela popularidade do líder carismático no sentido dado pela sociedade de comunicação. As competências necessárias ao exercício do poder passam a ser identificadas com as competências para gerar empatia emocional. O irracionalismo decorrente da exacerbação dos afetos convive com o mundo das mensagens instantâneas, dos diretos televisivos, dos tweets inflamados, das controvérsias dramatizadas e da polarização e fragmentação temáticas. Nesse sentido, são reativadas algumas das características estudadas na literatura das Ciências Sociais e Humanidades em torno do estudo do conceito de “personalidade autoritária”. (Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson e Sanford, 1950)

A alteração das lideranças políticas manifesta-se não apenas ao nível das instituições que atuam no sistema político. Manifesta-se também entre líderes de opinião que intervêm, informalmente, ao nível da interação entre pessoas no seio do grupo e, correntemente, numa forma particular de mediação dessas interações, tal como se verifica ao nível das redes sociais digitais.

1. Universidade da Beira Interior, Labcom.IFP.

Verifica-se, assim, uma ligação entre as manifestações de fenómenos populistas e a rede de dependências dos indivíduos das premissas e preconceitos dominantes nas comunidades incluindo partidos, grupos e movimentos aos quais pertencem. Nomeadamente, nas redes sociais, os utilizadores ficam confinados aos seus grupos de interesse, relacionando-se com eles por Skype, e-mail e redes induzindo a radicalização de grupos de ódio que estabelecem e alimentam câmaras de eco que reforçam comportamentos uniformes similares aos próximos da ideia de massa. Estes temas foram discutidos, nas circunstâncias do tempo por Adorno e Horkheimer (2002), Adorno, (1991) Adorno et al (1950), e mais recentemente, são retomados por autores como Christian Fuchs, (2016) e Fuchs e Mosco (2016), entre outros. Partindo-se deste enquadramento teórico, procede-se à análise de expressões de liderança política em recentes acontecimentos onde houve lugar ao aparecimento de novas lideranças: USA, Brasil, Portugal.

Palavras Chave: Populismo, Redes sociais, Xenofobia.

I

No final dos anos 80 e princípios de 90, o modelo liberal democrático emergia como a mais atraente das alternativas existentes

Iniciara-se a 3ª vaga de expansão da democracia pelo mundo, a seguir às que se tinham verificado com a expansão da democracia até 1926, com a reinstalação do seu prestígio em autoridade em 1945.

Esta 3ª vaga começou com o 25 de Abril, o fim da ditadura dos coronéis, gregos e a transição em Espanha. Seguiu-se África (Nigéria, alguma liberalização no Egito, Tunísia e Argélia, tendo terminado naturalmente na África do Sul), América do Sul (Chile, Brasil, Argentina, Bolívia, Salvador), Ásia, Índia, (Coreia do Sul, Paquistão) Europa de Leste e Queda do Muro de Berlim.

Entre 1974 e 1990, mais de trinta países do sul da Europa, da América Latina, do leste da Ásia e da Europa Oriental mudaram de sistemas de go-

verno autoritários para democráticos. Esta revolução democrática global é provavelmente a tendência política mais importante no final do século XX.

Cresceu o otimismo em relação à expansão da democracia ao ponto de autores como Francis Fukuyama (1992) terem defendido que a democracia representativa de tipo liberal americana significava o fim da história.

A dicotomia estabeleceu-se entre vários modelos de democracia e não entre a democracia e os modelos não democráticos. Verificou-se uma tendência da sociedade e das instituições no sentido de reconfigurarem as dinâmicas de funcionamento em função de uma maior abertura à participação e adoção crescente de estratégias de legitimação das instituições e das organizações que enfatizam a necessidade de cidadãos ativos, intervenientes no processo de tomada de decisão.

Assim, um pouco por todo o lado, também na Europa, verificou-se a questão do défice democrático, a qual se saldou em experiências que refletem pressupostos deliberativos ou participativos, de apelo à participação dos cidadãos. A comunicação tornou-se a palavra-chave que asseguraria a cultura política, na qual os debates políticos produzidos nas instâncias informais de deliberação originariam consequências benéficas na ação das instituições políticas.

A existência de *media* era um elemento fundamental para a formação da publicidade como requisito fundamental da obtenção do consentimento dos governados, seja num sentido fraco quanto à visibilidade, à exposição social de fenómenos, intenções e planos que se oferecem ao conhecimento de todos, seja mesmo num sentido forte criando condições ou contribuindo mesmo para a realização do diálogo e para a formação do juízo público.

Anos depois, o balanço é fatidicamente distinto: a democracia não ganhou em todo o lado confrontando-se com o nacionalismo fanático e com o fundamentalismo religioso, como contraponto ao secularismo demoliberal. Muitos países que se converteram à democracia, não são democracias liberais

Proliferam regimes híbridos com instituições democráticas, mas que carecem de uma competição política verdadeiramente aberta, livre e justa. 30 anos depois,” o pessimismo de hoje relativamente à democracia em termos globais reside, fundamental e inescapavelmente, nas expectativas infundadas e quase teológicas geradas pelo colapso do comunismo” (Teixeira, 2018, 25). A euforia de que Fukuyama foi um dos subscritores ou protagonistas, revelou-se sobremaneira infundada.

II

Depois da sua célebre visita em 1904 aos Estados Unidos, Weber confirmou as suas ideias sobre a organização, o poder e a autoridade.

Definiu assim, três tipos ideais

- autoridade tradicional, ou seja, herdada pelos seus detentores e aceites pelos súbditos desta.
- Carismática, na qual um líder individual é visto pelos seguidores como detentor de um dom especial.

A terceira forma de autoridade, escreve Weber, assenta na validade do estatuto legal e das competências baseadas em regras racionalmente criadas. Moisés Naim num livro de 2013 considerou que para Weber a burocracia estava longe de ser ou de ter o termo pejorativo que hoje detém. Descrevia a forma mais avançada de organização que os seres humanos haviam alcançado e aquela que melhor se adaptava ao progresso numa sociedade capitalista.

A forma de dominação consagrada na modernidade, a dominação legal cujo tipo mais puro, é para Weber, a dominação burocrática, constitui uma manifestação clara deste tipo de racionalidade atribuída ao desencanto do mundo: não se obedece à pessoa mas à regra estatuída, a qual estabelece a quem e em que medida se deve obedecer. A atuação do funcionário regulava-se por regras constrangedoras e abrangentes para toda a gente., independentemente do estatuto socioeconómico, das ligações familiares, religiosas ou políticas

Expressa-se, deste modo, uma concepção do desenvolvimento da modernidade em que toda a história do desenvolvimento do Estado moderno é identificada com a da moderna burocracia e da empresa burocrática.

Da mesma forma que o chamado progresso até ao capitalismo, a partir da Idade Média, constitui a escala de uniformização da economia, assim também o progresso até ao funcionário público, entendida como profissão especializada, baseada num emprego estável, na existência de um salário, pensão e possibilidades de ascensão, na preparação profissional e na divisão do trabalho, em competências fixas, no formalismo documental e na subordinação e superioridade hierárquica, constitui a escala igualmente unívoca de modernização do Estado (Weber, 1989: 707-708).

A associação política não é definida pelos seus fins, mas pelos seus meios. A esfera especificamente moderna e rigorosamente objetiva da razão de Estado é considerada nem mais nem menos como a suprema estrela condutora do arbítrio criador do funcionário: “A burocracia, frente a outros veículos da ordem de vida racional moderna, caracteriza-se pela sua inevitabilidade muito maior” (Weber, 1989: 731- 732; 733-735).

É conhecida a vastíssima crítica que a apologia da burocracia moderna e da autoridade legal racional suscitou. No final da própria ética Protestante e o Espírito do Capitalismo é possível pressentir a melancolia perante aquilo que ficou conhecido como o desencanto do mundo.

A Escola de Frankfurt verá no Holocausto e no Gulag o resultado desse processo de racionalização e desencanto do mundo. Porém, não optou pela apologia do irracionalismo, mas pela denúncia da mistificação e a consequente hipostasia dessa racionalidade. A Escola de Frankfurt não optou pelo regresso à comunidade de raiz popular (*volkisch*), mas preferiu denunciar o que considerava, o esquecimento dos limites da própria razão, esquecimento esse que levou a que os que o praticaram transformassem a própria razão no seu contrário, isto é, na sua mitificação. (Adorno e Horkheimer, 2002)

III

Hoje, a racionalidade instrumental imanente ao processo decisório pensado por Max Weber é desafiada por outros fenômenos.

Etnonacionalismo, populismo, polarização e grupusculização da vida política refletem características formais pré-modernas de autoridade tradicional e carismática. No sentido inicial, que dificilmente pode ser separado da definição religiosa, a dominação aparece associada aos dons especiais, concedidos a alguém para o bem dos homens, para as necessidades do mundo e, em particular, para a edificação da Igreja – a palavra é amplamente utilizada para definir a influência e admiração por alguma pessoa, notadamente marcada pela tentativa de criar simpatia para agradar a maioria.

Na sociedade da comunicação, o carismático aparece transmutado no ser capaz de agradar aos seus seguidores por um conjunto de qualidades que se adaptam bem a narrativa mediática particularmente televisiva e /ou digital. Há um conjunto de técnicas que são ensinadas de forma competente. Evidentemente essas qualidades têm tanto de inato como têm de construído. Constituem frequentemente uma forma de simulação de dons que suscitam uma empatia afetiva com os apoiantes. Certamente é necessário dominá-las num mundo crescentemente mediático. Todavia o problema consiste em quando os instrumentos são confundidos com as finalidades e a capacidade de decidir se torna completamente refém da capacidade de agradar, isto é, quando as competências necessárias ao exercício do poder se identificam com as competências comunicacionais. Cremos ser esse em larga medida o espaço do populismo.

O irracionalismo decorrente de uma exacerbação dos afetos convive bem com o mundo das mensagens instantâneas, dos diretos televisivos, Porém se era verdade há muito não podemos ignorar as suas consequências. Simultaneamente, formas pré-modernas anteriores à forma de autoridade legal-racional parecem ressurgir.

Por um lado, torna-se necessário trazer à luz o regresso da propaganda de massa nos *media* digitais suportada por formas arcaicas de sociabilidade (o holiganismo digital, o *bulling*, o *flaming*) que parecem ser esquecidas por algumas abordagens. Ao populismo do lado das lideranças corresponde uma polarização de segmentos cada vez mais sofisticada do lado das audiências,

Surge a suspeita de regressão social induzida pelos novos *media* devido ao movimento de retribalização da vida política e do espaço público radicalizada pela net. A pesquisa demonstra que os utilizadores ficam confinados aos seus grupos de interesse, relacionando-se com eles por Skype, e-mail, redes aos seus outros significativos. Cass Sunstein, especialista e assessor da administração de Obama, descreve como as redes através de grupos fechados e páginas de causas sectoriais tem aumentado e servido grupos fundamentalistas de *al right*, sites jihadistas, ou a radicalização de faixas do partido republicano ou de movimentos extremistas que suportam Bolsonaro no Brasil.

Vários institutos alertaram para a radicalização de grupos de ódio ligado a franjas republicanas que estabeleceram agendas com pouca visibilidade nos *media* tradicionais por efeito da espiral do silêncio. Assim, pelo menos nalgumas, a presença universal e ubíqua dos outros significativos e dos fortes constrangimentos grupais incompatíveis com a ideia aberta, diversificada e cosmopolita de democracia, alimenta câmaras de eco em que se reforçam comportamentos uniformes similares que reproduzem características da ideia de turba, de multidão do princípio do século XX estudadas por Gabriel Tarde.

IV

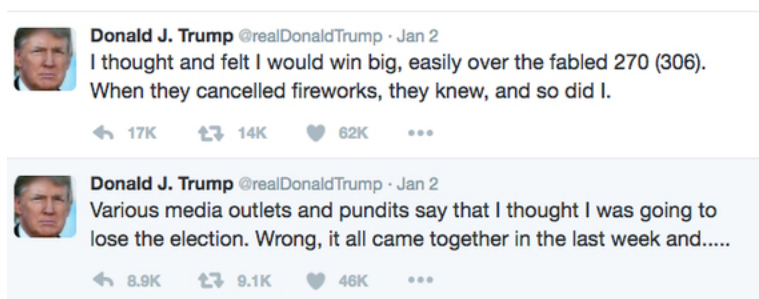
A ficção científica e muita da ficção distópica apresentada em televisão denunciam este espírito do tempo. “*The Waldo Moment*” é o terceiro e último episódio da segunda temporada da série de antologia e ficção científica britânica *Black Mirror*. Este episódio foi escrito por Charlie Brooker, o próprio autor da série, e foi originalmente exibido no Channel 4 no dia 25 de fevereiro de 2013, sendo pois inserido na plataforma de *streaming* da Netflix.

Waldo é um desenho animado por um comediante que executa a sua voz e o movimento. Normalmente, entrevista políticos e outras figuras públicas até ao momento que opta por refletir os fantasmas e ressentimentos do seu criador tornando-se numa primeira fase um entrevistador impertinente e boçal que insulta as elites que ele próprio entrevista, denunciando a sua natureza corrupta elusiva, incapaz de chegar ao que ele considera o verdadeiro povo de um modo direto. Numa segunda fase, a produção quis que Waldo competisse contra políticos reais em uma próxima eleição futura na cidade de Stentonford. Waldo recorre frequentemente ao *bullying* público, ao insulto e a uma postura boçal e sarcástica para humilhar os seus adversários. Misteriosamente, Waldo capta o a simpatia do público e transmite algumas das suas frustrações e medos ao invetivar os seus adversários, ou pelo menos assim parece ser sugerido pelos autores. Charlie Brooker também comparou a campanha de Trump com “*The Waldo Moment*” e previu que Trump ganharia as eleições de 2016. Assim, apesar da recepção crítica deste episódio não ser idêntica à desta série de culto, o episódio ganhou uma notoriedade acrescida pela sua sintonia com algumas características que marcam fenómenos políticos recentes.

A ficção televisiva contemporânea tem sido atenta para a deteção de algumas pistas para o tão propalado populismo que hoje assombra a idade que nos coube viver. O ponto central que valerá a pena destacar é que o episódio da série *Black Mirror* parece apontar para um carisma mediático em que o irracionalismo parece substituir quer o carisma tradicional quer o carisma político tal como foi pensado em torno de um líder que se exprime de forma racional e moderada, com o recurso ao guião escrito pelas democracias consolidadas do pós guerra. Todavia, olhando com mais atenção, não é impossível admitir a hipótese cada vez mais confirmada que o populismo espreitava num conjunto de características para os quais os *media* já apontavam como o apelo aos afetos, a exacerbação da imagem, a contaminação da entrevista pelas regras *do talk-show* de um modo que prenunciava alguns dos traços que hoje preocupam académicos e analistas. Na noite da eleição, na hora em que a vitória de Trump estava se tornando clara para a nação, *Black Mirror* enviou um tweet proclamando: «Este não é um episódio, não é marketing, é a realidade.



Consultando as descrições dos anos 40, identificamos algumas características da abordagem predominantemente psicológica da propaganda xenófoba, racista e populista sendo que poderiam servir quase de legendas proféticas de imagens distópicas reais ou ficticiais.



“É propaganda personalizada, essencialmente não objetiva. Os agitadores passam boa parte do tempo falando sobre si mesmos ou sobre o público. Apresentam-se como lobos solitários, como cidadãos sadios e saudáveis com instintos robustos, altruístas e incansáveis; incessantemente divulgam intimidades reais ou fictícias sobre suas vidas e as de suas famílias. Além disso, parecem ter um interesse humano caloroso nas pequenas preocupações diárias de seus ouvintes, que retratam como cristãos nativos pobres, mas honestos, de senso comum, mas não intelectuais. (Adorno, 1946)

Outro esquema favorito de personalização da demagogia autoritária consiste em substituírem os meios pelos fins. Apregoam o grande movimento como se apontassem um momento de um renascimento geral que estes líderes esperam trazer mas sobre o qual pouco se pronunciam. A glorificação da ação, de algo acontecendo, ao mesmo tempo oblitera e substitui o propósito do chamado movimento.



“Há uma certa imprecisão em relação aos objetivos políticos é inerente ao próprio fascismo. Isto deve-se em parte à sua natureza intrinsecamente não-teórica. Com relação a esse significado do dinamismo fascista, qualquer programa bem definido funcionaria como uma limitação, uma espécie de garantia até mesmo para o adversário. É essencial ao governo totalitário que nada seja garantido, que nenhum limite seja imposto a arbitrariedades implacáveis. O fim é que possamos demonstrar ao mundo que há patriotas, homens e mulheres cristãos tementes a Deus, que ainda estão dispostos a dar suas vidas à causa de Deus, pátria e terra natal.” (Adorno, 1946)

Como todo o peso dessa propaganda é promover os meios, a propaganda em si torna-se o conteúdo final. A. O desejo de vigiar, de denunciar é encorajado e é satisfeito. As histórias de escândalo, na sua maioria fictícias, particularmente de excessos e atrocidades sexuais, são constantemente contadas; a indignação com a imundície, a corrupção e a crueldade são olhadas por Adorno (1946) como uma racionalização muito fina e propositadamente transparente do prazer que essas histórias transmitem ao ouvinte.



Black Mirror: Waldo Moment, 3rd, 2nd season





Continuando o recurso à discrição de Adorno.

“A propaganda fascista ataca fantasmas emprega a lógica discursiva, mas sim, particularmente, em exposições oratórias, o que poderia ser chamado de um voo organizado de ideias. A relação entre premissas e inferências é substituída por uma vinculação de ideias que repousam na mera semelhança, muitas vezes através da associação, empregando a mesma palavra característica em duas proposições que são logicamente bastante não relacionadas. Este método não só evita os mecanismos de controle do exame racional, mas também torna psicologicamente mais fácil para o ouvinte seguir”. Ele não tem pensamentos precisos para fazer, mas pode se entregar passivamente a um fluxo de palavras nas quais ele nada”. (Adorno1946)

Conclusão

As distopias que conhecemos associadas ao totalitarismo referem-se frequentemente ao fenómeno taylorista e racionalista que parece emergir nas sociedades do século XX ao que é designado por Administração total

Simultaneamente, aparecem associadas a um prazer vicário do desabafo e da boçalidade turbal, ao culto da tradição popular romântica, ao carisma do líder não fundado na legitimidade racional, ao apelo à nação, à religião e à família numa abordagem unilateral que convive paradoxalmente mal com a racionalidade do Estado de Direito e da burocracia moderna sonhada por Weber e por outros autores por ele influenciados.

Neste sentido, fazem uma estranha síntese entre moderno, inovador e empreendedor e pré-moderno no sentido arcaico, contra-iluminista e baseado na mobilização afetiva.

As sinergias entre a apropriação do entretenimento pela comunicação política na Televisão e a participação “interativa” dos participantes no processo político (muitas das vezes confinados a grupos em redes sociais de pessoas que pensam de modo idêntico) parecem suscitar uma comunicação trans-mediática que se articula com estes fenómenos políticos e que merece ser dissecada.

Bibliografia

- Adorno, T. e Horkheimer, M., (2002) *Dialectic of enlightenment: philosophical fragments*, California, Stanford University of California
- Adorno, T.W., Else Frenkel-Brunswick, Daniel]. Levenson and R. Nevitt Sanford, (1950) *Authoritarian Personality*, *Studies in Prejudice*, Harper and Brothers
- Adorno, T.W, *Propaganda fascista e anti-semitismo [1946]**, in https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/Theodor_Adorno_-_Propaganda_fascista_e_anti-semitismo__1946__.htm?1349568169 Consultado pela última vez em 11-11-2018
- Booker, M. K. (199) (*The Dystopian Impulse in Modern Literature. Fiction as Social Criticism*, Greenwood Press
- Fuchs, C. 2016. *Critical Theory of Communication: New Readings of Lukacs, Adorno, Marcuse, Honneth and Habermas in the Age of the Internet*. London: University of Westminster Press. DOI:<https://doi.org/10.16997/book>
- Fuchs, C., Vicent Mosco, (2017), *Marx in the Age of Digital Labour*, Boston, Leiden, Brill.
- Fukuyama, F. (1992), *o Fim da História e o Último Homem* , Lisboa, Gradiva.

- Naím, M. (2015). The end of power: from boardrooms to battlefields and churches to states, why being in charge isn't what it used to be. Nah, S. (2009). Social Movements and Journalism. In C.H. Sterling (ed.), Encyclopedia of journalism. London: Sage.
- Sunstein, C. R. (2008). Neither Hayek nor Habermas. Public Choice, 134, 87–95.
- Teixeira, C. P., (2018) Qualidade da democracia em Portugal, Ensaios da Fundação, Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Weber, M. (1989), Economía y sociedad, México, Fondo de Cultura Económica.